

PSICANÁLISE

Wilfred R. Bion

Aprender da experiência

Blucher

KARNAC

APRENDER DA EXPERIÊNCIA

Wilfred R. Bion

Tradução

Ester Hadassa Sandler

Revisão técnica

Paulo Cesar Sandler

*Authorised translation from the English language edition published
by Karnac Books Ltd.*

Aprender da experiência

Título original: *Learning from Experience*

© 1962, 1983 The Estate of Wilfred R. Bion

© 1984 Routledge, Karnac Books

© 2021 Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Bárbara Waida

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Bonie Santos

Capa Leandro Cunha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme
5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua
Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por
quaisquer meios sem autorização escrita da
editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bion, Wilfred R. (Wilfred Ruprecht), 1897-1979

Aprender da experiência / Wilfred R. Bion ;
tradução de Ester Hadassa Sandler ; revisão técnica
de Paulo Cesar Sandler. – São Paulo : Blucher, 2021.
164 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-203-8 (impresso)

ISBN 978-65-5506-204-5 (eletrônico)

1. Psicanálise. 2. Aprendizagem, Psicologia da.

I. Título. II. Sandler, Ester Hadassa. III. Sandler,
Paulo Cesar.

21-2083

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Algumas notas sobre esta tradução	7
Agradecimentos	13
Introdução	15
1	23
2	27
3	31
4	35
5	37
6	41
7	43
8	47
9	51
10	57

11	63
12	67
13	79
14	83
15	87
16	89
17	93
18	97
19	101
20	107
21	115
22	119
23	127
24	133
25	137
26	141
27	151
28	159

1

1. Coloquialmente, é muito comum denominar uma ação pelo nome da pessoa de quem pensamos que essa ação é típica; por exemplo, falar de um spoonerismo¹ como se fosse função da personalidade de um indivíduo chamado Spooner. Tiro vantagem desse costume para dele obter uma teoria de funções que resista a um uso mais rigoroso do que o empregado na frase coloquial. Suponho que existam fatores na personalidade que se combinam para produzir entidades estáveis as quais chamo de funções da personalidade. O significado que ligo aos termos “fatores” e “funções” e o uso que lhes atribuo aparecerá logo mais, mas uma explicação preliminar talvez seja apropriada.

1 No original, *Spoonerism* e Spooner. *Spooner* em inglês significa simplório, tolo ou piegas. *Spoonerism* também tem um significado: trata-se da transposição acidental ou deliberada das letras iniciais de duas ou mais palavras. O exemplo de Bion refere-se ao reverendo W. A. Spooner, estudioso inglês morto em 1930 que costumava cometer tais erros. *The Oxford Concise Dictionary of Current English*, 6. ed. [N.T.].

2. “A inveja que X sente de seus sócios é um fator que temos que levar em conta em sua personalidade” é uma formulação que qualquer leigo poderia fazer e pode significar muito ou pouco; seu valor depende de nossa avaliação da pessoa que faz a formulação e do peso que ela mesma dá às próprias palavras. A força da formulação é afetada se eu conecto ao termo “inveja” o peso e o significado que lhe foram dados pela sra. Klein.

3. Agora, suponha uma outra formulação: “A relação de X com seus sócios é típica de uma personalidade na qual a inveja é um fator”. Essa formulação expressa a observação de uma função na qual os fatores são transferência e inveja. O que se observa não é a transferência ou a inveja, mas algo que é uma função de transferência e inveja. À medida que uma análise prossegue, é necessário deduzir novos fatores a partir das mudanças observadas na função e distinguir diferentes funções.

4. “Função” é o nome para a atividade mental própria a alguns fatores operando em consórcio. “Fator” é o nome de uma atividade mental operando em consórcio com outras atividades mentais para constituir uma função. Deduzem-se os fatores a partir da observação das funções de que eles são uma parte, em consórcio uns com os outros. Eles podem ser teorias ou as realidades que as teorias representam. Talvez pareçam ser lugares-comuns de um *insight* comum, mas não o são, porque a palavra usada para nomear o fator é empregada cientificamente e, portanto, de modo mais rigoroso que aquele empregado na linguagem coloquial.² Os fatores não são dedutíveis diretamente, mas por meio da observação das funções.

2 No original, *conversational English* [N.T.].

5. A teoria das funções torna mais fácil cotejar a realização³ com o sistema dedutivo científico⁴ que a representa. Além disso, seu uso dá flexibilidade a uma teoria analítica, a qual pode ter de ser usada em uma ampla variedade de situações analíticas, sem prejudicar a permanência e a estabilidade da estrutura da qual ela é parte. Ademais, graças à teoria das funções, pode-se entender que sistemas dedutivos científicos com alto grau de generalização representam observações na análise de um paciente específico. Isso é importante, uma vez que a teoria psicanalítica tem de ser aplicada às mudanças que ocorrem na personalidade do paciente. Se o analista observa funções e delas deduz os fatores relacionados, o hiato entre teoria e observação pode ser transposto sem a elaboração de novas teorias, possivelmente mal orientadas.

6. A função que estou prestes a discutir por sua importância intrínseca também serve para ilustrar o uso que pode ser dado a uma teoria das funções. Chamo essa função de uma função-alfa, de modo que posso falar sobre ela sem ficar limitado, como ficaria caso usasse um termo com mais significado, em virtude da penumbra de associações já existente. Por contraste, os significados das teorias que aparecem como fatores precisam ser preservados e empregados tão rigorosamente quanto possível. Assumo que o significado foi esclarecido de modo suficiente pelos autores e outros que discutiram as teorias com uma empatia crítica. A liberdade

3 O termo “realização” é usado na acepção da geometria euclidiana, quando se diz que as três dimensões têm a estrutura do espaço ordinário como uma de suas realizações. A expressão é usada de um modo facilmente compreensível em Semple e Kneebone (1956), *Algebraic projective geometry* (Oxford University Press), Capítulo 1, no qual se discute o conceito de geometria.

4 O termo “sistema dedutivo” ou “sistema dedutivo científico” é usado para cobrir qualquer aproximação, ou aproximação projetada, aos sistemas lógicos descritos em R. B. Braithwaite (1955), *Scientific explanation* (Cambridge University Press), Capítulo 2 e seguintes.

implícita no uso do termo função-alfa e a concentração de precisão de expressão e emprego em tudo o que concerne aos fatores confere flexibilidade sem prejudicar a estrutura. O uso que faço de uma teoria já existente pode parecer uma distorção do significado que o autor lhe deu; se penso assim é porque reconheço isso. Nas demais situações, contudo, deve-se assumir que acredito estar interpretando a teoria do autor de forma correta.

7. O termo função-alfa é, intencionalmente, desprovido de significado. Antes de indicar a área de investigação na qual eu me proponho a empregá-lo, devo discutir um dos problemas incidentais a essa investigação. Uma vez que o objetivo desse termo sem significado é fornecer à investigação psicanalítica uma contraparte das variáveis dos matemáticos, uma incógnita à qual pode ser atribuído um valor quando seu uso ajudou a determinar qual é esse valor, é importante que o termo não seja usado prematuramente para veicular significados, pois esses significados prematuros podem ser precisamente aqueles que é essencial excluir. Ainda assim, o simples fato de que o termo função-alfa deva ser empregado em uma investigação específica leva inevitavelmente ao seu reinvestimento com significados derivados das investigações que já foram levadas a cabo nesse campo.⁵ Portanto, deve-se exercer vigilância constante para impedir esse desenvolvimento, ou o valor do instrumento será prejudicado desde o início. A área de investigação é aproximadamente aquela coberta pelos escritos relatados em meu próximo capítulo.

5 Ver K. R. Popper (1959), *The logic of scientific discovery* (Hutchinson), p. 35, nota 2, em que a dificuldade está admiravelmente ilustrada.

1. Ao descrever a instituição do princípio da realidade, Freud disse: “A importância crescente da realidade externa também aumentou a importância dos órgãos dos sentidos dirigidos ao mundo externo e da consciência ligada a eles; a última aprendeu agora a compreender a qualidade dos sentidos em acréscimo às qualidades de prazer e dor que, até então, eram as únicas que haviam lhe interessado”. Enfatizo “a última aprendeu agora a compreender”; presumivelmente, por “a última” Freud quer dizer “a consciência ligada às impressões sensoriais”.¹ Posteriormente, discutirei o fato de se atribuir compreensão à consciência. De interesse imediato é a função da própria compreensão; nessa discussão, são investigadas tanto a compreensão das impressões sensoriais como

1 S. Freud (1911), “Formulations on the two principles of mental functioning”, in *Standard edition* (Vol. 12). As citações e referências neste capítulo, uma vez que visam indicar os limites da área na qual desejo usar o conceito de função-alfa, não estão selecionadas com o rigor que eu consideraria necessário caso a seleção fosse feita para ser usada em uma teoria científica ou como um fator para ser usado com a teoria das funções.

a compreensão das qualidades de prazer e dor. Trato impressões sensoriais, prazer e dor como igualmente reais, portanto, descarto a distinção que Freud faz entre “mundo externo” e prazer e dor, por considerá-la irrelevante ao tema da compreensão. No entanto, vou discutir a relevância dos princípios do prazer e da realidade para a escolha que podemos ver um paciente fazer entre modificar a frustração ou evadir-se dela.

2. A atribuição de compreensão à consciência leva a contradições que podem ser evitadas caso aceitemos, para as finalidades da teoria que desejo propor, a conceituação posterior de Freud: “no entanto, em nosso esquema, qual papel teria restado à consciência, outrora tão onipotente e ocultando todo o resto da vista? *Somente a de um órgão sensorial para a percepção das qualidades psíquicas*” (grifos de Freud).²

3. Continuando a citação de Freud em “Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental”: “Foi instituída uma função especial para periodicamente pesquisar o mundo externo de forma a possibilitar que seus dados já fossem familiares em caso de alguma necessidade interna urgente surgir; essa função era a atenção. Sua atividade encontra as impressões sensoriais a meio caminho, em vez de esperar pelo seu aparecimento”.³ Freud não levou a sua investigação muito adiante, mas o termo, como ele o emprega, tem um significado que eu investigaria como um fator na função-alfa.

4. Freud continua: “Ao mesmo tempo, é provável que tenha sido introduzido um sistema de notação, cuja tarefa seria armazenar os resultados dessa atividade periódica da consciência – uma parte daquilo que chamamos memória”. Notação e armazenamento

2 S. Freud (1900), “The interpretation of dreams”, in *Standard edition* (Vol. 4).

3 S. Freud (1911), p. 220.

dos resultados da atenção também são fenômenos a serem investigados com a ajuda da teoria da função-alfa.

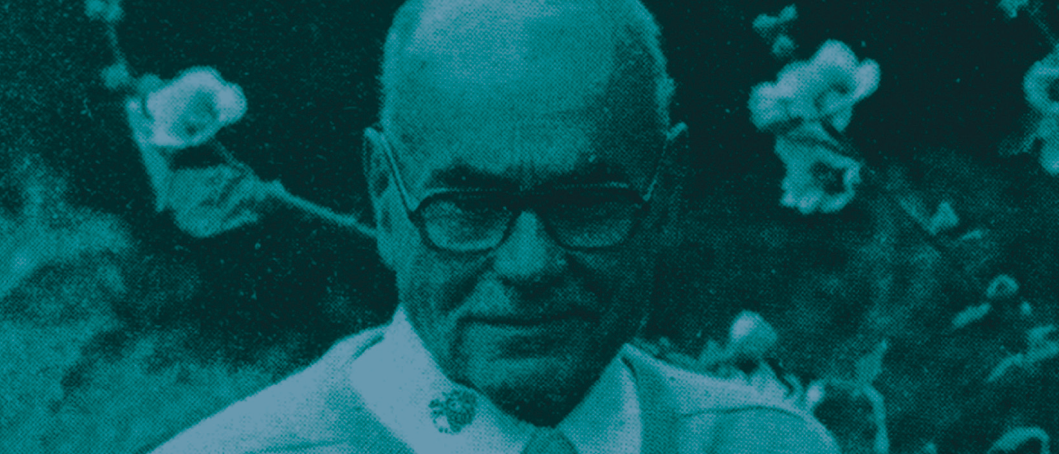
5. Serão consideradas algumas teorias de Melanie Klein e seus colaboradores; eu as listo aqui. Elas são: cisão e identificação projetiva;⁴ a transição da posição esquizoparanoide para a posição depressiva e vice-versa;⁵ a formação de símbolos⁶ e alguns de meus trabalhos anteriores sobre o desenvolvimento do pensamento verbal.⁷ Não vou discuti-los, a não ser como fatores que se modificam quando combinados entre si em uma função. Isso é suficiente no que tange a trabalhos anteriores; dou agora um exemplo do emprego dessa teoria das funções em uma investigação psicanalítica do campo abrangido pelo trabalho referido neste capítulo.

4 M. Klein (1946), "Notes on some schizoid mechanisms", in *Developments in psycho-analysis*, p. 300.

5 Idem, p. 293.

6 M. Klein (1930), "The importance of symbol formation", in *Love, guilt and reparation and other works 1921-1945*, p. 219.

7 W. R. Bion (1957), "Differentiation of psychotic from the non-psychotic personalities", *International Journal of Psycho-Analysis*, 38:266-275. Também em W. R. Bion (1967), "Second thoughts: selected papers on psychoanalysis", in *The complete works of W. R. Bion* (Vol. 6).



Meio século após sua introdução, *Aprender da experiência* permanece como modelo de escrita. Partindo das observações clínicas de Freud, Bion estabelece os primórdios de suas duas grandes contribuições à psicanálise: *teorias de observação do ato psicanalítico* e *teorias em psicanálise propriamente dita*. Conjugando-as com indicações de cientistas e matemáticos, expande – sem substituir – as teorias de Freud, integrando-as harmonicamente às teorias da personalidade de Klein para lidar mais efetivamente com a personalidade psicótica e seu par complementar, a personalidade não psicótica.

Alerta ainda para uma necessidade premente aos psicanalistas: a de construir modelos científicos *durante* a sessão, fiéis ao material trazido pelo paciente, sem aderir acriticamente a pseudoteorias, manipulações engenhosas de símbolos e jargões escolásticos.

Paulo Cesar Sandler

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-203-8



9 786555 062038



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Aprender da Experiência

Wilfred R. Bion

ISBN: 9786555062038

Páginas: 164

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2021
